

MEMÓRIAS EM VÃO: A INDIGUIAÇÃO DE PRIMO LEVI DIANTE DO CRESCIMENTO DO REVISIONISMO E NEGACIONISMO DO HOLOCAUSTO.

EDUARDO GARCIA VALLE¹

Atualmente, o Holocausto tem sido um tema bastante recorrente no meio intelectual e também objeto da cultura de massa. Inúmeras publicações, livros, filmes e séries televisionadas debatem assuntos referentes à Segunda Guerra Mundial como também ao Holocausto. Isto nos trás uma reflexão sobre a própria função da história, que, não sendo meramente uma enumeração de fatos, emerge, nesse sentido, como um campo complexo, algo mais que lembrar os acontecimentos, mas uma luta política envolvendo diferentes interesses, dentre os quais se situa a negação do Holocausto.

Primo Levi foi um dos poucos sobreviventes de Auschwitz, campo de concentração onde milhões de prisioneiros judeus e “não-arianos”² foram assassinados pelos nazistas. Como sobrevivente, narra, de forma surpreendente, os horrores vividos nos campos de concentração. Em sua obra, os livros dedicados à literatura de testemunho se tornaram objetos de análise nas mais diferentes áreas do conhecimento. Mesmo com grande reconhecimento mundial, sua fama se restringe quase que exclusivamente aos seus principais livros, *É isto um Homem?*, *A Trégua* e *Os afogados e os sobreviventes*.

Outro aspecto menos conhecido de sua obra, quase inédito no Brasil, é constituída por sua literatura de cunho ficcional, que compreende artigos, contos e crônicas, publicadas em princípio, em jornais e revistas italianas. Primo Levi colaborou, por muito tempo, escrevendo no “*Terza Pagina*”, coluna de assuntos culturais do jornal “*La Stampa*” de Turim. Em seus primeiros artigos, se destacam temas como as perseguições antisemitas e assuntos relacionados ao Holocausto.

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia, professor de História no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, campus Campo Grande, eduardo.valle@ifms.edu.br.

² É importante lembrar que outros grupos sociais também foram perseguidos pelo regime nazista, por isso, foram levados aos campos de concentração. Os homossexuais, opositores políticos de Hitler, doentes mentais, pacifistas, eslavos e grupos religiosos, tais como as Testemunhas de Jeová, também sofreram com os horrores do Holocausto. Dessa forma, podemos evidenciar que o Holocausto estendeu suas forças sobre todos aqueles grupos étnicos, sociais e religiosos que eram considerados uma ameaça ao governo de Adolf Hitler.

No final de sua vida, Primo Levi conviveu com a angústia e a depressão. Acreditava que tudo que tinha escrito, “testemunhado”, não tinha servido para nada. Percebeu com enorme desgosto que o testemunho sobre os campos de extermínio já não tocavam as pessoas na atualidade, e com isso, ele não conseguia erigir um diálogo com os jovens, pois não falavam a mesma linguagem.

Primo Levi teve intensa atuação política, ao divulgar sua obra, seu testemunho, principalmente aos jovens. Até o começo da década de 1980, Levi já tinha conferenciado em pelo menos cento e trinta institutos e colégios, mas a cada dia sentia que seus argumentos de convencimento estavam se esgotando. Em um episódio emblemático, teve seus argumentos dissipados, quando após dar testemunho em uma escola, um pequeno aluno lhe interrogou, apresentando um plano de fuga dos campos de extermínio, caso essa situação se repetisse novamente.

Em entrevista a Anna Bravo e Federico Cereja, publicada, posteriormente, em Portugal, Levi desabafa sobre o assunto:

É talvez por minha culpa se já não tenho muita vontade de ir às escolas. Por um lado, confesso-o, estou cansado de ouvir colocarem-me sempre as mesmas perguntas. Por outro lado, tenho a impressão de que a minha linguagem se tornou insuficiente, de que falo uma língua diferente. E depois, devo confessar que fiquei profundamente marcado por uma das últimas experiências que tive numa escola, onde duas crianças, dois irmãos, me lançaram num tom sem réplica: “Porque vem você, mais uma vez, contar-nos a sua história, quarenta anos depois, depois do Vietname, depois dos campos de Estaline, da Coréia, depois de tudo isso... Porquê?”[...]E devo dizer que fiquei de boca aberta, sem voz, encurralado na minha condição de sobrevivente a todo custo, e respondi que falava do que tinha visto e que, se tivesse estado no Vietname, teria contado a guerra do Vietname, que, se tivesse estado no Gulag sob Estaline, teria falado sobre os campos de Estaline, mas senti bem a fraqueza dos meus argumentos. Ou seja, privilegiar a minha experiência relativamente às outras, tendo embora consciência de viver num mundo em rápida mutação, em progresso num sentido, em regressão noutra; e estes estudantes de hoje, que utilizam os computadores com a maior desenvoltura, que conhecem, que aprendem através da televisão coisas que eu nunca aprendi, perturbam-me. Sinto, confesso que sinto, um sentimento de inferioridade em relação a eles, mesmo sabendo que disse coisas importantes, não tenho

nenhuma hesitação, nenhuma dúvida sobre o valor dos meus livros, mas tenho a impressão de que são velhos, que envelheceram³.

Percebemos sua decepção frente aos jovens que confundem épocas, episódios, não sabem historicizar os acontecimentos. Acreditava que o momento histórico era cruel, sua linguagem tinha envelhecido, tornado insuficiente. Outra situação que lhe foi desanimadora, foi a publicidade alcançada por escritos que questionavam a veracidade do Holocausto, negando e distorcendo fatos, buscando um “redimensionamento”, com interesses obscuros e sensacionalistas.

Desta vasta produção intelectual, interessa-nos, neste trabalho, seus artigos publicados a partir de 1978, no contexto da publicação das “teses revisionistas” de Robert Faurisson, especialmente, um dossiê publicado no jornal “*Le Monde*”, com o título “*O problema das câmaras de gás ou o rumor de Auschwitz*”, publicado em 29 de dezembro de 1978.

Primo Levi, indignado com as publicações e o espaço dado aos negacionistas na imprensa, escreve uma série de artigos, que, nos possibilita elaborar algumas hipóteses, principalmente, em relação ao interesse do autor de lutar contra o revisionismo e negacionismo do Holocausto, tão em voga na Europa no final dos anos de 1970, como também aventa o permanente alerta de que se aconteceu uma vez, pode acontecer de novo. Mas o que ocasionou todo esse questionamento em relação aos campos de extermínio? Qual a postura de Primo Levi frente ao revisionismo e à negação do Holocausto?

Em 1978, há uma maior publicidade das “teses revisionistas” de Robert Faurisson, especialmente, um dossiê publicado no jornal “*Le Monde*”, com o título “*O problema das câmaras de gás ou o rumor de Auschwitz*”, publicado em 29 de dezembro de 1978. Entre os principais pontos do artigo, Faurisson destaca:

³ LEVI, Primo. O dever de memória: entrevista com Anna Bravo e Federico Cereja. trad. de Esther Mucznik. Edições Cotovia, Lda., Lisboa, 2010, p. 42 e 43.

1-Não houve um genocídio planejado, sistematizado. Não nega a existência das câmaras de gás, mas defende que estas eram construídas e utilizadas para a desinfecção de piolhos, os fornos crematórios para se dar fim aos corpos daqueles que morreram de forma natural;

2- O termo “solução final” foi sinônimo não do extermínio físico, mas da expulsão dos judeus e outras minorias em direção ao leste europeu;

3- Sobre o testemunho dos sobreviventes, destaca que a grande maioria são descartáveis, pois estão carregadas de impressões pessoais e subjetividades;

4- O número de vítimas é superestimado, destacam que não tenham morrido nem 200.000 pessoas, não havendo nem um “documento” específico que determine com segurança o número de mortos;

5- A Alemanha nazista não foi à única responsável pelo início da Segunda Guerra Mundial, compartilhando a culpa com os judeus e os comunistas;

6- O Holocausto é uma invenção da propaganda aliada, influenciado pelo poderio econômico dos judeus;

7- Chega ao ridículo ponto de argumentar que se realmente existiu mortes nas câmaras de gás, não houve nenhum sobrevivente de algum “gaseamento” que voltou, dessa forma, não podendo comprovar este fato, não comprovando o uso de gás para o extermínio físico.

Primo Levi ficou decepcionado com a atitude do jornal “*Le Monde*”, destacando que um jornal desta magnitude não poderia ter dado voz a uma figura como Faurisson. No dia 19 de Janeiro de 1979, Primo Levi escreveu um artigo no jornal “*La Stampa*”, “*Campo de concentração às portas da Itália*”⁴ contestando alguns pontos do artigo publicado por Robert Faurisson, ao mencionar que este se opõe à realidade, e a documentação conhecida, Primo Levi esclarece:

Em todos os processos até agora movidos (o de Nuremberg; o de Auschwitz que ocorreu em 1965 em Frankfurt; o de Eichmann em Jerusalém), os poucos culpados levados a julgamento se justificaram de maneiras bem conhecidas: não cometeram pessoalmente o ato; estavam

⁴ LEVI, Primo. A assimetria e a vida: artigos e ensaios 1955-1987/ Primo Levi; organização Marco Belpoliti; tradução Ivone Benedetti. – I.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2016. pág-89.

sendo coagidos; estavam vinculados pelo juramento de fidelidade, pelo dever de soldado, pela lealdade aos comandantes; mas nunca ousaram negar a realidade dos extermínios em massa.⁵

Em outro momento do mesmo artigo, desmonta a tese produzida por Faurisson, na qual o uso de veneno nas câmaras de gás não seria possível, pois os gases não poderiam ser eliminados rapidamente e certamente teriam matado os próprios alemães. Segundo Levi,

Nos dezoito anos dedicados ao estudo do problema, Faurisson nunca deu conta de que aqueles encarregados não eram alemães, mas outros prisioneiros, com cuja integridade os alemães pouco se preocupavam; de resto, o veneno, ácido cianídrico, nas condições em que era usado tornava-se extremamente volátil (sua ebulição ocorre aos 26°C: nas câmaras, superlotadas de seres humanos, a temperatura ficava em torno de 37°C); além disso, existiam ventiladores eficientes, documentados (além do que dizem as testemunhas) por encomendas e notas fiscais.⁶

O artigo de Robert Faurisson publicado no “*Le Monde*” ganha notoriedade e repercussão da mídia, ao conceder, novamente, uma entrevista no jornal “*L’Express*” em janeiro de 1979. Faurisson era professor de Literatura da Universidade de Lyon, canalizava os anseios da extrema direita europeia, usando o status de ser “ex-acadêmico” para dar a impressão de que sua argumentação seria séria, praticada pelo método e rigor acadêmico.

Na Itália, a recepção da obra de Robert Faurisson causou profunda decepção em Primo Levi. Segundo o escritor, os jovens não mais acreditavam na “realidade” dos fatos, influenciados por jornais, revistas e programas de televisão que abriam espaço para os chamados “negacionistas”. Verificava-se, no início da década de 1980, o crescimento do antissemitismo no país.

Ademais, Primo Levi discorre, que essas atitudes devem ser entendidas em um plano mais amplo, não apenas as da negação e rejeição da realidade, mas, do momento em que os fatos estabelecidos, os acontecimentos do Holocausto estão sendo apropriados pela indústria cultural, transformando a realidade em mito, além de levar ao crescimento

⁵ Ibidem.p.91.

⁶ LEVI, Primo. A assimetria e a vida: artigos e ensaios 1955-1987/ Primo Levi; organização Marco Belpoliti; tradução Ivone Benedetti. – I.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2016. pág-93.

do neonazismo e antissemitismo dentro da Itália. Levi termina o artigo se indagando, por quanto tempo deverá repetir seus testemunhos, o que irá acontecer quando todas as testemunhas dos campos de extermínio estiverem mortas? Será que em algumas gerações, Auschwitz terá sido esquecido?

Primo Levi enxergava o crescimento do neonazismo com bastante preocupação, voltou à ativa nas palestras realizadas em escolas, tendo aceitado falar na Universidade para responder aos negacionistas. Nesse momento, Levi já tinha em mente o material para escrever seu último livro. Após mencionar que depois de *A Trégua*, de 1961, não voltaria a escrever livros sobre sua experiência em Auschwitz, voltou sua meditação em um livro que examina as condições dos prisioneiros no campo de extermínio, sobre a dificuldade de julgar o comportamento das vítimas e dos opressores, tomando cuidado para não cair no maniqueísmo, caso dividisse as pessoas entre o bem e o mal e fomentasse a imagem do bom e sofrido judeu, cotejando-a com aquela do mal e violento alemão, uma vez que, no campo de extermínio, as relações são mais complexas, como discorreu longamente.

Esse material foi publicado no livro *Os afogados e os sobreviventes*, em 1986. Doravante, nos interessa debater dois importantes pontos do livro. Primo Levi discorre que além do extermínio físico de milhões de pessoas, houve o “extermínio da verdade”, no momento em que quase todas as provas foram apagadas. Os cadáveres foram queimados, as câmaras de gás foram explodidas, restando apenas indícios, não podendo haver rastros sobre os mortos, sobre a máquina destrutiva nazista.

O maior receio é de que, devido à brutalidade e crueldade, a própria memória do extermínio fosse desacreditada pelo seu absurdo. Os próprios alemães sabiam disso e se divertiam cinicamente:

Seja qual for o fim dessa guerra, a guerra contra vocês nós ganhamos; ninguém restará para dar testemunho, mas, mesmo que alguém escape, o mundo não lhe dará crédito”. Talvez haja suspeitas, discussões, investigações de historiadores, mas não haverá certezas, porque destruiremos as provas juntas com vocês. E ainda que fiquem algumas provas e sobreviva alguém, as pessoas dirão que os fatos narrados são tão monstruosos que não merecem confiança: dirão que são exageros da

propaganda aliada e acreditarão em nós, que negaremos tudo, e não em vocês. Nós é que ditaremos a história dos Lager ⁷.

A máquina de destruição nazista previa não só a destruição física dos judeus, mas também o intento de eliminar toda a memória que pudesse dar indício, uma prova do massacre sem precedentes na história. Como nos informa Márcio Seligmann-Silva:

Auschwitz pode ser compreendido como uma das maiores tentativas de “memoricídio” da história. A história do Terceiro Reich, para Levi, pode ser “relida como a guerra contra a memória, falsificação orweliana da memória, falsificação da realidade, negação da realidade”. Os sobreviventes e as gerações posteriores defrontam-se a cada dia com a tarefa (no sentido de Fichte e os românticos deram a esse termo: de tarefa infinita) de rememorar a tragédia e enlutar os mortos. Tarefa árdua e ambígua, pois envolve tanto um confronto constante com a catástrofe, com a ferida aberta pelo trauma- e, portanto, envolve a resistência e superação da negação-, como também visa a um consolo nunca totalmente alcançável ⁸

Em um ensaio intitulado *Verdade e memória do passado*, Jeanne Marie Gagnebin discorre que a liderança nazista, prevendo o final da guerra, se encarregou de abolir as provas, queimando arquivos, desaparecendo com corpos já enterrados, tentando anular todos os rastros da existência do genocídio. Segundo Gagnebin:

Primo Levi insiste, desde as primeiras linhas de *Os afogados e os sobreviventes*, sobre a vontade nazista de destruir a possibilidade mesma de uma história dos campos. Eles deveriam se tornar duplamente inenarráveis: inenarráveis porque nada que pudesse lembrar sua existência subsistiria e porque, assim, a credibilidade dos sobreviventes seria nula. O pesadelo comum que assombra as noites dos prisioneiros dos campos-retornar, enfim, à sua própria casa, sentar-se com os seus, começar a contar o horror já passado e ainda vivo e notar, então, com desespero, que os entes queridos se e se vão porque eles não querem nem escutar e nem crer nessa narrativa ⁹.

⁷ LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*; tradução Luiz Sergio Henriques. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p.09.

⁸ SELIGMANN-SILVA, Márcio. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In SELIGMANN-SILVA, Márcio *História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p.51-52.

⁹ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Verdade e memória do passado* In GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006. pág-46.

Segundo a autora, as teses revisionistas surgidas posteriormente são uma consequência lógica dessa postura do regime nazista, que, de forma consciente, elaborou uma estratégia de aniquilação dos judeus e outros prisioneiros do campo, como também da memória e da história, ao anular os rastros de sua existência.

Outro ponto importante do livro, escrito no contexto da luta política de Levi em relação ao revisionismo e o negacionismo do Holocausto, destaca que a história dos campos de concentração deveria ser ensinada, sobretudo, aos jovens. O escritor argumenta que a geração de 1980, contexto em que escreveu o livro, está cada vez mais distante, sendo os termos Auschwitz, campos de extermínio, identificados como “coisas” longínquas, distantes.

Para o autor, isso acontece por diversos motivos, entre os quais o contexto histórico, tendo em vista que a configuração do mundo mudou profundamente. A Europa não é mais a referência cultural única do planeta, a luta pela liberdade política reconfigurou os mapas da Ásia e da África e o contexto de “Guerra Fria”, entre Estados Unidos e União Soviética perdeu muito de sua ideologia. Nesse mundo pós-moderno, efêmero, contagiado pela celebração do consumo, influenciado pelas mídias eletrônicas, os jovens são levados a serem adultos céticos, privados de seus ideais, sempre desconfiados das grandes verdades impostas, predispostos a aceitarem verdades variáveis, dependendo do contexto, da moda cultural. Nesse sentido, Primo Levi destaca a importância de *Os afogados e os sobreviventes* na citação abaixo:

Para nós, falar com os jovens é cada vez mais difícil. Percebemos que falar com eles é, simultaneamente, um dever e um risco: o risco de parecer anacrônico, de não ser escutado. Devemos ser escutado: acima de nossas experiências individuais, fomos coletivamente testemunhas de um evento fundamental e inesperado, fundamental justamente porque inesperado, não previsto por ninguém. Aconteceu contra toda previsão; aconteceu na Europa; incrivelmente, aconteceu que todo um povo civilizado, recém-saído do intenso florescimento cultural de Weimar, seguisse um histrião cuja figura, hoje, leva ao riso; no entanto, Adolf Hitler foi obedecido e incensado até a catástrofe. Aconteceu, logo pode acontecer de novo: este é o ponto principal de tudo quanto temos a dizer¹⁰.

¹⁰ LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*; tradução Luiz Sergio Henriques. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p.172.

Em sua intensa luta política contra o revisionismo histórico, Levi usa o termo “buraco negro” para designar que a “realidade histórica” estava sendo distorcida, negada e, portanto, esquecida. Seus textos publicados em revistas, jornais e em conferências em universidades e colégios, nos servem como pilares, uma estrutura ética e moral contra as distorções, o apagamento político de uma memória. Sua trajetória intelectual é marcada por uma narrativa responsável e ética, tentando estudar e entender os erros passados para que as próximas gerações não cometam os mesmos equívocos. A história, nessa acepção, se avigora como ensinamento, como engajamento político e perspectiva de transformações sociais.

Não obstante, é preciso salientar que, mesmo com sua intensa luta, a “missão de Primo Levi” não obteve completo êxito. Nosso passado recente demonstra que seus testemunhos, evidentemente, não foram suficientes para amenizar as diferentes formas de violência do homem contra minorias, contra os desfavorecidos. Ainda vemos a violência contra o diferente, o racismo, o xenofobismo, a homofobia, o antissemitismo. Os “Holocaustos” ainda sendo perpetuados, de maneiras diferentes, mas se alastrando em situações históricas distintas, no Camboja, Sudão, Ruanda, Iraque, no Afeganistão, provocando deportações, refugiados, genocídios, violência extrema. Pois segundo o autor,

Cada época tem seu fascismo: seus sinais premonitórios são notados onde quer que a concentração de poder negue ao cidadão a possibilidade e a capacidade de expressar e realizar sua vontade. A isso se chega de muitos modos, não necessariamente com o terror da intimidação policial, mas também negando ou distorcendo informações, corrompendo a justiça paralisando a educação, divulgando de muitas maneiras sutis a saudade de um mundo no qual a ordem reinava soberana e a segurança dos poucos privilegiados se baseava no trabalho forçado e no silêncio forçado da maioria.¹¹

Revisitar as obras de Primo Levi se torna um exercício pungente, caso tenhamos uma postura moral e ética frente aos desafios do cenário político atual, tempos sombrios que se perpetuam.

¹¹ LEVI, Primo. A assimetria e a vida: artigos e ensaios 1955-1987/ Primo Levi; organização Marco Belpoliti; tradução Ivone Benedetti. – I.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2016. pág-56.

Referências Bibliográficas.

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

ANGIER, Carole. *The Double Bond: Primo Levi, a Biography*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2002.

ANISSIMOV, Myriam. *Primo Levi ou la tragédie d' un optimiste*. Madrid: Editorial Complutense, 2001. (tradução espanhola do original francês “Primo Levi ou la tragédie d'un optimiste”).

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. (Trad.) In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (Org.). *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Ed Unicamp, 2001.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1989.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Centauro, 2004.

HOBBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Sobre História*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000.

JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. *Anti-semitismo e nacionalismo, negacionismo e memória: Revisão Editora e as estratégias da intolerância*. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.

KOLLERITZ, Fernando. Testemunho, juízo político e história. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, nº 48, v. 24, p. 73-100, 2004.

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Trad. Luiz Sergio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. *É isto um Homem?*. São Paulo: Editora Rocco, 1985.

_____. *A trégua*. Companhia das Letras, São Paulo, 1997.

- _____. *A tabela periódica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- _____. *O último natal de guerra*. Trad. Maria do Rosário T. Aguiar. São Paulo: Berlendis & Vertecchia 2002.
- _____. *71 contos*. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. *O dever de memória: entrevista com Anna Bravo e Federico Cereja*. Trad. de Esther Mucznik. Lisboa, Edições Cotovia, 2010.
- _____. *A assimetria e a vida: artigos e ensaios 1955-1987/ Primo Levi; organização Marco Belpoliti; tradução Ivone Benedetti. – I.ed. São Paulo: Editora Unesp.*
- MILMAN, Luis. “Negacionismo: Gênese e Desenvolvimento do Genocídio Conceitual”. In: MILMAN, Luis e VIZENTINI, Paulo Fagundes (orgs.). *Neonazismo, Negacionismo e Extremismo Político*. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2000.
- NORA, Pierre. “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”, *Projeto História*. São Paulo: PUC, dezembro de 1993, n. 10, pp. 07-28.
- POLLAK, M. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*. Vol. 05, nº 10, 1992.
- _____. Memória, Esquecimentos e Silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/ FGV/ Edições Vértice, vol 3, 1989.
- RICOEUR, Paul. *A Memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Unicamp, 2007.
- ROSSI, Paolo. *O passado, a memória e o esquecimento*. São Paulo, UNESP, 2010.
- SEIXAS, Jacy Alves de. *Os campos (in) elásticos da memória: reflexões sobre a memória histórica*”. In: SEIXAS, Jacy A., BRESCIANI, M. Stella & BREPOHL, Marion. (org.) *Razão e paixão na política*. p.59-77
- _____. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. p.37-58.
- _____. “Halbwachs e a memória-reconstrução do passado”. *História*. São Paulo: Ed Unesp, 20, 2001, pp. 93-108.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. “A História como Trauma”. In: NESTROVSKI, Arthur e SELIGMANN-SILVA, Márcio (orgs.). *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Escuta, 2000.
- _____(Org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Unicamp, 2003.
- _____. *A literatura do trauma*. *CULT- Revista de Literatura Brasileira*: São Paulo, Ano II, n 23, pág, 1999.
- _____. *Auschwitz: história e memória*. *Pro-Posição*, São Paulo, 2000b v.11 n.2. .
- THOMSON, Ian. *Primo Levi: A Life*. London, Metropolitan Books. 2003.
- VIDAL-NAQUET, Pierre. *Os Assassinos da Memória*. Campinas, SP: Papyrus, 1988.